

regulam as imagens visuais com que os jovens são cotidianamente bombardeados e seduzidos. A rapidez com que se faz a leitura das narrativas alicia, com a vantagem, neste caso, de não se sair impune da leitura, mas incomodado com a falta do final. Os textos instauram, assim, uma salutar inquietação que obriga o raciocínio a trabalhar. São textos excelentes para serem estudados e discutidos em sala de aula: são curtos e tematizam problemas atuais na vida dos adolescentes e dos adultos numa cidade como São Paulo.

O texto "As fitas", por exemplo, aborda o problema do jovem que leva para casa amigos, e os pais criam uma situação constrangedora, por falta de entrosamento, o que o leva a afastar-se de casa e a deparar-se sozinho, por vezes, com situações perigosas. Em "Vila Bela" é iluminada a reminiscência da primeira menstruação. Em "Parque Dom Pedro" resgata-se a descoberta inesperada do sexo, em plena enchente numa rua de São Paulo. Em "A última plenária" é lembrado o começo da Ditadura Militar e a militância dos jovens na resistência. Em "Réquiem para G.H.", a narradora volta-se para a traição amorosa. "Anapla Kilala" gira em torno da espera por um amigo e do desconforto imenso, trazido pela chegada da menstruação. "A comilança" refaz a percepção de uma festa do ângulo do adolescente. "Bovary 70" tematiza as dificuldades em engatilhar uma conversa, uma relação, com um homem em determinadas circunstâncias. "O clube" focaliza a descoberta da narradora de uma suposta traição do namorado atual com a outrora amante de seu ex-marido. Em "Tentativas" a narradora intelectual ilumina uma experiência mal-sucedida no campo de uma nova atividade profissional. "O. O." rememora vários colegas do colégio. Em "Doutor Fortuna" a protagonista colhe material para escrever um romance junto a um médico, em conversa que descamba do âmbito profissional para o afetivo. "Ex-Libris" relata experiências da narradora com trabalhos acadêmicos. "Tamanho dos testículos..." ilumina a vivência de um assalto à saída do metrô. "Relato de Ismerina" rememora a violência da seca no Nordeste a par da violência embutida na perseguição aos clandestinos da resistência à Ditadura Militar. "No cocuruto da serra" a narradora relata o que ouviu sobre a vida no sertão seguida da imigração para São Paulo. Em "Adrián León en America" é narrado o encontro da protagonista com a pessoa que dá o título à narrativa. "A república" lembra traquinices de criança e de adolescente, aprontadas na Itália, e em seguida a imigração do narrador para o Brasil.

Tanto pela riqueza do potencial temático, quanto pela qualidade poética, o exame de tais narrativas em sala de aula promete bons frutos, quer para estudantes, quer para professores.

JOÃO CABRAL DE MELO NETO: PROSA

Nfobe Abreu Peixoto Silva *

MELO NETO, João Cabral. *João Cabral de Melo Neto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. 139 p.

João Cabral de Melo Neto é um dos destaques da poesia brasileira, tanto pela afirmação de uma poética que vai de encontro à tradição subjetiva do lirismo mais facilmente aceito em nossa literatura, quanto pela coerência de um percurso literário pacientemente riscado no papel de branco "asséptico" e sempre com as mesmas "vinte palavras", "abelhas domésticas". Desde *Pedra do sono*, de 1942, até *Sevilha andando*, de 1990, o poeta pernambucano procura e se apropria de uma estética objetiva, um "cante a palo seco", para melhor falar de coisas – o próprio escrever, paisagens e pessoas. O seu ideal é o verso deserto de emoções, elemento estético de comunicação de uma realidade problematizante. João Cabral tem como enfoque a necessidade de uma poesia transitiva e que seja capaz de atingir o leitor. Daí a preocupação em ensinar o seu fazer poético e tornar mais clara a sua linguagem cheia de arestas e lâmina afiada. Se a realidade exterior é o que conta para o poeta, essa realidade só se torna palpável quando entendemos o seu alvo primeiro que, na nossa opinião, é o homem nordestino inserido no contexto maior da humanidade. Dar a ver, dentro do espaço da vida e da morte, a opressão política, religiosa e econômica denunciada por Severino e Frei Caneca, por meio da linguagem do "ferro forjado" ensinada pelo ferrageiro de Carmona, significa ultrapassar a fronteira do regional e chegar a paragens que, por universais, acabam por atingir o individual que existe no coletivo. É a necessidade do olhar novo exigido pelo fazer poético consciente, o caminho encontrado pelo poeta para se comunicar com o "leitor

* Pós-graduanda em Literatura Brasileira – FFLCH/USP.

contra”, o “leitor intolerante”, aquele que sabe ler “poetas revolucionados”. E é também a necessidade de exaltar esse fazer poético a marca permanente de sua prosa.

O livro lançado recentemente pela Nova Fronteira, *João Cabral de Melo Neto/Prosa*, coloca-nos mais uma vez em contato com ensaios já publicados na coleção *Obra Completa*, da Editora Nova Aguilar, de 1995, sendo a exceção o “Prefácio a ‘Antologia poética’ de Marly de Oliveira”. O mérito da publicação em separado da prosa do poeta está em chamar atenção para uma leitura mais específica de textos escritos por quem, não se sentindo devidamente equipado para ser um crítico, fez opção pela poesia crítica. Observação essa, repetida por João Cabral em várias entrevistas, mas que pode dar uma idéia não muito esclarecedora de sua prosa. Se nela distinguimos o ensaio perfeito, “Joan Miró”, e o ensaio “Poesia e composição”, porta aberta para entrarmos na estética cabralina, não podemos deixar de destacar a objetividade, o raciocínio lógico, a clareza e o perfeito domínio da língua em “Crítica literária”, “Da função moderna da poesia”, “Elogio de Assis Chateaubriand”, “Agradecimento pelo prêmio Neustadt” e “Prefácio a ‘Antologia poética’ de Marly de Oliveira”.

O primeiro ensaio, “Considerações sobre o poeta dormindo”, distingue-se dos demais pela rápida aproximação entre o escritor iniciante e certas características do surrealismo. “O mundo informe e absurdo” do sono, assim definido no verso de Willy Lewin utilizado como perífrase, serve de elemento de comunicação entre o homem e a poesia. Para Cabral, a influência do sono nas obras de fundo poético acontece de duas maneiras: pela idéia de “abstração do tempo” ou “fuga do tempo” e pela idéia da morte – “o sono sendo como que um movimento para o eterno”. E conclui que se a mitologia do sonho pode ser confundida com a da própria poesia moderna (não nos esqueçamos que o ensaio é de 1941), o sono favorece a formação de uma zona (um tempo) obscura (o), em que sentimentos, visões e lembranças se confundem e se transformam em material vivido. Um dia, essa experiência, embora o poeta não a reconheça, será colocada sobre o papel.

“Joan Miró”, na sua primeira impressão em Barcelona, em 1950, foi acompanhado por gravuras do pintor espanhol. Publicado em 1952 pelos Cadernos de Cultura do MEC, permanece até hoje como um texto importante para quem se interessa pela pintura de Miró e pelas relações que o fazer artístico estabelece entre o criador e sua obra. O ensaísta parte de observações da pintura desenvolvida no Renascimento e que impôs a terceira dimensão e o estatismo: “A terceira dimensão

em pintura anula a existência do dinâmico”. O que Cabral realça em Miró é justamente a sua capacidade de devolver dinamismo à superfície. E isso se revelaria nos seus quadros, sobretudo, pela presença forte da linha que exige, para ser percorrida, um movimento do olho observador. A partir desse ponto, o autor coloca o tema da “atitude criadora” necessária para que o artista limpe de seu olho o já visto e de suas mãos, o automático. Ele enxerga em Miró, mais do que em nenhum outro artista, a valorização do fazer. Essa pintura, na sua opinião, mostra a luta para que seja devolvida ao pintor uma liberdade de composição abafada desde o Renascimento. Para Cabral, criação é *invenção* e não *descoberta*. Seria esse posicionamento e os resultados objetivos a que se poderia chegar, como nos quadros de Miró, que distinguiria o artista do artesão.

“Poesia e composição: a inspiração e o trabalho de arte” é um texto básico para entender a postura cabralina perante a poesia e o fazer poético. Primeiro, ele identifica as duas atitudes possíveis perante a poesia: um achado (um registro soprado por uma voz não identificada) ou uma procura (resultado de fracassos e soluções; luta). Em seguida, faz observações sobre a atitude poética predominante na sua contemporaneidade, em que existe a predileção pela expressão da experiência pessoal. “Mais do que nunca, temos o escritor que se dá em espetáculo juntamente com sua obra”. Essa, simples transmissora, nesse caso, não propõe ao leitor um objeto capaz de lhe provocar uma emoção definida. Ao contrário, e é com esses que Cabral se identifica, existem poetas “para quem o cantar tem uma utilidade e para quem cabe a essa utilidade determinar o canto”. Ao mesmo tempo em que ele aponta o poema em que o indivíduo que o escreve interessa mais que a coisa escrita e, ainda, o poema em que o trabalho se converte em exercício, numa atividade que independe de seus resultados, coloca um outro problema, por sua vez, decorrente dessas duas posturas: a comunicação. Num e outro caso, o “excesso da presença” ou o “suicídio da intimidade” podem levar a uma poesia intransitiva, incomunicável. Fica clara a importância que Cabral concede ao leitor, “a contraparte essencial à atividade de criar literatura” e motivo de sua existência. O autor conclui o ensaio com a observação de que ao poeta identificado com seu tempo, não será impossível encontrar a mitologia e a linguagem, que lhe tornarão possível corresponder às necessidades culturais da sociedade da qual participa. Para o poeta, “o verdadeiro sentido da regra está em que nela se encorpa a necessidade da época”.

Crítica literária reúne quatro artigos publicados no *Diário Carioca*, em 1952, e um artigo, “Esboço de panorama”, de 1953, publicado na revista *Flan*. O assunto dos quatro primeiros é a Geração de 45 e o problema da tentativa de esta-

belecer um denominador comum entre os escritores do período. Cabral analisa as considerações dos próprios membros dessa geração, daqueles mais capazes de pensamento crítico, segundo o poeta, e considera as opiniões dos autores mais antigos, que deveriam ser capazes de fornecer sobre as novas tendências uma visão de conjunto mais apropriada. Retoma as principais características e os problemas enfrentados pelas gerações de 1922 e 1930 e conclui que se desenvolve entre os jovens poetas de 1945 uma ação no sentido de “estender, alargar a base estreitamente individual como que, a partir da expressão de sete ou oito inventores mais poderosos se estava fazendo a poesia brasileira”. Não acredita numa generalização da *tendência estetizante* nem numa “preferência idealista” na seleção e no tratamento da linguagem da poesia. Na verdade, o que o ensaio quer mostrar é que a poesia de 1945 não pode ser definida por uma tendência generalizante. A menos que se queira enfatizar uma tendência particular e deixar no esquecimento importantes diferenças. A conclusão alcançada por Cabral é a de que o único elemento comum a ser realçado nessa geração é a sua posição histórica. Para finalizar, o artigo “Esboço de panorama”, trata do fato de que a literatura brasileira da época de 1953 tem na poesia o seu mais potente motor. Observa que embora exista uma boa quantidade de contistas, muitos deles pertencem mais à natureza da poesia, como Clarice Lispector e Murilo Rubião. Diz o autor: “O valor básico, hoje em dia, é a presença do poético”.

Em “Como a Europa vê a América: resposta à tese do professor Roger Bastide” e que foi publicado em 1954, Cabral questiona a afirmação da existência de uma atitude europeia única, em relação às Américas. Vê com reservas a tese de que a atitude do europeu em relação à América Saxônica estaria condicionada por uma atitude de defesa do humanismo, frente à desumanização provocada pela sociedade maquinicista. Argumenta que não se pode desprezar as diferentes visões das “diferentes espécies de europeus” e distingue, principalmente, as classes dos intelectuais e dos trabalhadores. Para exemplificar, refere-se à atitude mais ou menos generalizada de indiferença e ignorância e, mesmo, à permanência de uma visão aventureira, no caso de uma classe mais intelectualizada, em contraponto a uma visão mais realista e mais bem informada da realidade brasileira, por parte da classe trabalhadora. Entre os demais, esse ensaio é o único cuja temática foge da área do trabalho artístico e parece um pouco deslocado devido a essa característica. Mais à frente, a tese apresentada em Barcelona, em 1990, “A diversidade cultural no diálogo Norte-Sul”, embora reconheça aspectos determinantes como o intercâmbio comercial, o neocolonialismo, o imperialismo etc., limita o discurso no âmbito da literatura. Aqui, o poeta questiona uma generalização imposta pelo título sugerido, mais perto da área econômica e política (países desenvolvidos/países sub-

desenvolvidos). A formulação *Norte-Sul* lhe parece por demais vaga, por não levar em consideração situações diferentes de diálogos. No modo de entender cabralino, a diversidade cultural, ou a incompreensão no pretendido diálogo, é uma questão de linguagem. O ensaio se desenvolve no campo da literatura, mais especificamente mostrando diferenças entre a literatura *criolla* da América Latina e uma literatura africana mais presa a atitudes convencionais e pouco renovadoras em relação à língua escrita. Além do mais, observa que enquanto a literatura dos países do Sul não for considerada pelo que pode mostrar de novo e de profundo sobre o homem, enquanto ela continuar sendo apreciada somente pelo que apresenta de exótico, não se instalará um diálogo cultural.

A tese “Da função moderna da poesia”, de 1954, apresentada no Congresso de Poesia de São Paulo, procura identificar os problemas que a poesia enfrenta nos chamados tempos modernos e a dificuldade do poeta em compreender a sua função numa sociedade com valores e modo de vida muito diferentes do tradicional. Registra a necessidade de uma pesquisa maior de tipos, gêneros, formas de poemas e utilização dos novos meios de comunicação, para que não aconteça um afastamento ainda maior entre o poeta e seu leitor. Acredita que a consciência de tal situação, do problema sério enfrentado pela poesia na sua contemporaneidade, é fator de sobrevivência da própria poesia.

O “Elogio de Assis Chateaubriand”, discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, de 1969, distingue, entre os vários Chateaubriands de que se pode falar, o grande prosador, “um prosador dos melhores e um prosador em que estão presentes os traços mais distintos dos escritores do Nordeste”. Reconhece como elementos marcantes na sua prosa o gosto da controvérsia, a atitude do repórter na valorização do fato acontecido, o escrever numa linguagem falada e o *sense of humour*. A ênfase, no entanto, é para o “escritor criador”, aquele que encontrou uma maneira pessoal de se utilizar da linguagem, para tornar mais significativo o que deve ser dito. O discurso termina destacando a representatividade da Academia composta por um grande número de escritores, entre os quais prevalece o empenho da renovação e de transformação, “sem o qual toda cultura está condenada ao esclerosamento”.

Em “Agradecimento pelo Prêmio Neustadt”, de 1992, João Cabral chama atenção para o fato de que o escritor premiado é um poeta e um poeta que faz do exercício da poesia uma exploração do mundo das coisas. Afirma que o lirismo de seu tempo tem espaço na canção popular produzida e consumida em todo o mundo,

cabendo ao poeta resgatar a poesia histórica, a poesia didática, a poesia épica, a poesia narrativa e a poesia satírica. Mais uma vez, o autor utiliza-se da prosa para reafirmar o seu ideal de poemas elaborados com rigor, segundo princípios estéticos já bem definidos. E é essa rigorosa construção aquilo que o poeta crítico ressalta no “Prefácio a ‘Antologia poética’ de Marly de Oliveira” (1994).

Como se pode perceber, a leitura da prosa de João Cabral de Melo Neto é um dos recursos possíveis para que o leitor de poesia, ainda não muito familiarizado com uma poética, entre em contato com dados que lhe facilitem o acesso a paisagens diferentes daquelas que lhe são habituais. O livro da Nova Fronteira torna-se mais um elemento didático de uma linguagem, em que a característica didática tem por objetivo a boa comunicação entre o poeta e o “leitor qualquer”.

Inéditos